

SOCIEDADE

Hoje **José Carreira**, um dos impulsionadores do sindicalismo na PSP, é **homenageado**

SEXUALIDADE ■■■ Jovens procuram esclarecimentos através de uma linha telefónica anónima
■■■ Inquérito revela que os professores não estão dispostos a desenvolver acções de educação sexual

Teleconfidente sexual já ajudou cem mil jovens

Clara Vasconcelos

Elas querem saber como evitar uma gravidez; eles demonstram interesse por questões de outra natureza: “Como se faz?”. Elas telefonam duas vezes mais, mas todos telefonam bastante. Em 2002, o serviço “Sexualidade em Linha”, da Associação para o Planeamento da Família, registou mais de 100 mil atendimentos. De acordo com Ana Simões, coordenadora dessa linha, são sobretudo jovens com idades entre os 16 e os 21 anos que marcam o 808 222 003 para procurar respostas.

Ligam de todo o país e até das ilhas. À frente daquele serviço há cinco anos, Ana Simões conclui que os jovens portugueses mostram grande preocupação com “as questões do crescimento, o relacionamento sexual e afectivo e a contracepção”. Fazem perguntas do género: “O meu corpo está a mudar... o que é que me vai acontecer?; que pílula devo tomar, esse é um bom método de contracepção?; o preservativo rasgou-se e agora? O que devo fazer para conquistar?; o contacto físico provoca sida?”.

Para a técnica, o facto da “Sexualidade em Linha” ser tão procurada pelos jovens, não significa que tenham dificuldade em obter essas informações em casa ou na escola. “Nós não nos pretendemos substituir a ninguém”, avisa, admitindo, no entanto, que talvez “seja mais fácil pegar num telefone e fazer uma chamada gratuita, que garante toda a confidencialidade e rapidez na resposta”.



Professores não se sentem à vontade para falar sobre sexualidade e revelam um enorme desconhecimento sobre a lei

Educação e linha de apoio em debate na Caparica

■■■ Ana Simões e Helena Reis vão dar conta das suas experiências, hoje, numa conferência sobre sexualidade na adolescência, que terá lugar na Cooperativa de Ensino Superior Egas Moniz, no Monte da Caparica. Ana Si-

mões falará, sobretudo, do que lhe foi possível apreender ao longo dos cinco anos de existência da “Sexualidade em Linha”, enquanto Helena Reis teorizará sobre o que é a educação sexual, como e por quem deve ser dada.

Helena Reis, coordenadora de um projecto de educação sexual na EB2/3 da Costa da Caparica, fez um inquérito a 600 professores de todo o país sobre a educação sexual nas escolas. E concluiu que, apesar de prevista na lei desde 1999, na sequência do referendo sobre o aborto, tudo está como dantes. Dos inquiridos, 72% nunca tinha participado em projecto algum do género. Mais grave: 55% dos professores afirmou que a educação sexual não era obrigatória, apesar de,

nessa altura, o Governo ter enviado para todos os estabelecimentos de ensino um livrinho com “as linhas orientadoras” para a inclusão da educação sexual nos programas educativos.

O estudo revela, ainda, que apenas 22% dos professores se mostraram receptivos a promover projectos nessa área. Mas todos afirmaram que a educação sexual é fundamental. O “desconforto” em falar de sexo será, segundo a professora, a principal explicação para essa “contradição”.

■ Números que retratam a adolescência

23,7%

RELAÇÕES SEXUAIS

► Num inquérito realizado junto de mais de seis mil alunos das escolas portuguesas, no âmbito de um programa da Organização Mundial de Saúde, refere-se que 23,7% dos jovens afirmam já ter tido relações sexuais.

24,7%

CONTRACEPTIVOS

► Nesse mesmo trabalho, coordenado pela psicóloga Margarida Gaspar de Matos, verifica-se que a maioria dos jovens recorreu a um contraceptivo, mas, ainda assim, 23,7% afirmaram não o ter feito.

17,2%

PRIMEIRA VEZ

► 17,2% dos alunos que afirmaram já ter tido relações sexuais, dizem que, na primeira vez, tinham onze anos ou menos. 26,1% tinham 12 e 13 anos e 56,8%, mais de 13 anos. A percentagem de rapazes que diz não ser virgem é duas vezes superior à das raparigas.

15%

RESPOSTAS CERTAS

► No questionário com perguntas relativas ao modo de transmissão do VIH/Sida, apenas 15% dos alunos inquiridos acertou em todas as respostas, sendo que 85% respondeu erradamente, pelo menos, a uma das perguntas.

5,2%

UM ABRAÇO

► Para 5,2% dos alunos, a transmissão pode ocorrer se abraçarem alguém infectado. 15,3% não souberam responder a esta questão. 11,8% acha que basta tomar a pílula para não ser infectado e 36,2% desconhece se, de facto, isso é assim.